

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM MANUEL BANDEIRA: O EROTISMO POÉTICO

André Cervinskis (PROLING/UFPB)
Wilma Martins de Mendonça(UFPB)

Na poesia de Manuel Bandeira, a mulher aparece sempre representada de forma erótica; um erotismo de tom modernista, ou seja: a mulher como fonte de desejo; a mulher carnal, a mulher feminina, mas de uma feminilidade sensual, não maternal, como era decantada por alguns de seus contemporâneos, a exemplo de Vinícius de Moraes, em sua primeira fase católica (BACIU, 1985, p. 54). A essa visão da mulher, do desejo materializado em versos, damos aqui o nome de *erotismo poético*.

Num trecho da saudosa *Evocação do Recife*, o poeta descreve o primeiro momento, ainda na infância, em que a mulher aparece como objeto de desejo:

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho/ Fiquei parado coração batendo/ Ela se riu/ Foi meu primeiro **alumbramento**.

(BANDEIRA, 1993, p. 135 – **grifo nosso**)

Alumbramento! É dessa forma que a mulher se apresenta para o poeta e também homem Manuel Bandeira: um ser que extasia, que “alumbra”. Mas, ao mesmo tempo, a mulher carinhosa – e aí um raro trecho que transmite certo apelo filial, um desejo pueril do menino Bandeira:

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos”.

(BANDEIRA, 1993, p. 135)

Às vezes, porém, esse erotismo aparece de forma tão explícita que chega a espantar, como em *Infância*:

Uma noite a menina me tirou a roda de coelho-sai, me levou, imperiosa e ofegante, para um desvão da casa de D.Aninha Viegas, levantou a sainha e disse: mete.

(BANDEIRA, 1993, p. 208)

Em análise a esse poema, Wilma Martins de Mendonça, em posfácio ao livro **Manuel Bandeira, Poeta até o Fim** (CERVINSKIS, 2006), destaca esse erotismo materializado de Bandeira, que realiza, através de suas figuras de linguagem, o maior elogio à mulher na literatura brasileira, aproximando-o da perspectiva dos românticos da primeira geração, como podemos aferir no seguinte trecho:

Em Manuel Bandeira, a mulher deixa de ser romanticamente representada apenas como mãe – a *mater* dolorosa – emergindo em toda sua sensualidade e plenitude. Como diz André Cervinskis, na poesia de Bandeira, “a mulher aparece sempre de forma erótica, mulher-desejo, mulher carnal”, num claro descompasso com a figura feminina hegemônica no Romantismo. Nessa superação, que se processa dialeticamente pela via da tradição, Bandeira se aproxima da poesia amorosa de um Gonçalves Dias e de um Castro Alves, enquanto rompe com a cristianização do corpo feminino, representando-o como alumbramento poético e viril, tecendo, em meio à sua poética, o maior elogio feito ao corpo da mulher em nossa literatura.

(MENDONÇA 2006, p. 117)

Aliás, a mulher *bandeiriana* nunca evoca a figura da mãe. Esta quase ausente em sua poesia, senão lembrada em boa ocasião: o passado com a mãe, com o pai, com o irmão, a família; enfim, a vida anterior que perdera. Essa feminilidade erótica (e de um erotismo elegante, diga-se de passagem), aparece no seu fabuloso *Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá*. Poema muito sugestivo, tirado de um cartaz de propaganda e que retrata todas as expectativas do poeta em relação à mulher:

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me *bouleversam*, me hipnotizam./ Oh, as três mulheres de sabonete Araxá às 4 horas da tarde!/ O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!./ Que outros, não eu, a pedra cortem/ Para brutais vos adorarem,/ Ó *brancaranas* azedas,/ Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata/ Ou celestes africanas:/ Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!/ São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?/ São prostitutas, declamadoras, são acrobatas?/ São as três Marias?/ Meu Deus, serão as três Marias?/ A mais nua é doirada borboleta./ (...)/ Se me perguntassem: queres ser estrela? queres ser rei? queres uma ilha no Pacífico? um bangalô em Copacabana?/ Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca, eu só quero as três mulheres do Sabonete Araxá:/ O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

(BANDEIRA, 1993, p. 150)

Numa evocação daquela célebre frase de Vinícius: “As feias que me desculpem, mas a beleza é fundamental”, Bandeira dedica um poema à figura feminina com o título *Mulheres*:

Como as mulheres são lindas!/ Inútil pensar que é do vestido”.../ E depois não há só as bonitas:/ Há também as simpáticas./ E as feias, certas feias em cujos olhos vejo isto:/ Uma menininha que é batida e pisada e nunca sai da cozinha./ Como deve ser bom gostar de uma feia!/ O meu amor porém não tem bondade alguma./ É fraco! Fraco!/ Meu Deus, eu amo como as criancinhas.../ (...)

(BANDEIRA, 1993, p. 126)

Nessa esteira, nem a representação dos santos foge a esse *erotismo poético* em sua obra. Assim, contrariando os tabus sexuais-religiosos relacionados com o corpo, Manuel Bandeira relaciona o desejo à santidade no poema *Balada à Santa Maria Egípcíaca*”, do livro **Ritmo Dissoluto**

Santa Maria Egípcíaca seguia/ Em peregrinação à terra do Senhor./ Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir./ Santa Maria Egípcíaca chegou/ À beira de um grande rio./ Era tão longe a outra margem!/ E estava junto à ribanceira./ Num barco./ Um homem de olhar duro./ Santa Maria Egípcíaca rogou:/ Leva-me ao outro lado./ Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe./ O homem duro fitou-a sem dó./ Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir./ Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe./ Leva-me ao outro lado./ O homem duro escarneceu: - Não tens dinheiro, /mulher, mas tens teu corpo. Dá-me o teu corpo, e vou levar-te/ E fez um gesto. E a santa sorriu./ Na graça divino, ao gesto que ele fez./ Santa Maria Egípcíaca despiu/ O manto, e entregou ao barqueiro/ A santidade da sua nudez”.

(BANDEIRA, 1993, p. 106).

A história de Santa Maria Egípcíaca é curiosa. Maria, antes de cumprir doze anos de idade e levada por seu amor à liberdade, decidiu ir embora de casa. Maria era uma garota que não sabia controlar suas paixões e caiu na prostituição, à qual se dedicou por 17 anos de sua vida, contudo não fazia isso por interesse ou por dinheiro, mas por gosto. Ninguém conseguiu persuadi-la a não seguir este caminho, ao contrário, houve muitas tentações para cair e permanecer. Certo dia, decidiu juntar-se a um grupo de peregrinos que se dirigiam à Terra Santa, movida unicamente pela curiosidade, pagou a passagem com o próprio corpo, prostituindo-se com os marinheiros. Depois disto, Maria decidiu cumprir sua promessa e se retirou ao deserto, onde levou uma vida de intensa oração e amizade com Deus. Mas esse tempo não foi tão fácil para ela, já que durante 17 anos foi tentada a continuar com a vida de antes, todavia, confiando no amor de Nossa Senhora, ela obtinha forças para resistir. Muito tempo depois, o abade Zósimo a encontrou ali e levou-lhe à comunhão. Após isto, combinaram para ver-se algum tempo depois para que Maria recebesse de novo a comunhão, porém quando o abade Zósimo regressou a encontrou morta, no deserto, uma sexta-feira da paixão (Santa Maria Egípcíaca, uma prostituta que se converteu, fevereiro de 2009)

Ao trabalhar o tema da recaída dessa santa no citado poema, o poeta questiona o dogma da virgindade como condição *sine qua non* para a santidade, Bandeira desmitifica Santa Maria Egípcíaca, fazendo-a deixar de ser a *mulher intocável*. Com isso, Bandeira procurou, através da imagem de uma santa católica, tornar a mulher que representa em sua poesia mais humana, objeto de prazer em que o homem passa a matar o seu desejo (CERVINSKIS, 2006, p. 14). Vê-se também exposto nesse poema uma visão nitidamente machista, em que a figura da mulher é apresentada de forma passiva, cedendo ao pedido do barqueiro. Não obstante isso, a santa sobrepõe à pureza a satisfação de desejo alheio, e, nisso, o seu próprio.

Semelhante libertinagem amorosa é captada noutro poema graças ao senso aguçado do poeta em perceber e transportar para a poesia as coisas do cotidiano. No poema *Itaperuna*, Bandeira brinca com a figura do militar, retratando seu envolvimento com uma mulata. Além de demonstrar toda a sua libido, sem quaisquer censuras, nesse poema, Bandeira também evoca à miscigenação que é chave para entendermos o própria constituição do *ser* brasileiro:

O soldadinho juntou-se com a mulata roxa/ E nasceu um exército de soldadinhos verdes/ (...) **Mas o amor do soldado derreia a mulata**/ O mau goza se satisfaz e/ Marcha soldado/ Pé de café!/ Soldado gosta de mulher nova/ **Araçatubas de peito duro/ Itaperunas de mamilo preto**/ Os batalhões alinharam-se.

(BANDEIRA, 1993, , p. 311 – **grifos nossos**)

Essa predileção sexual pela mulher negra na sua poesia talvez seja reflexo da vida boêmia de Bandeira – ele só saía à noite, por conta de sua tuberculose, embora se poupando de alguns esforços noturnos. É conhecida entre os críticos, aliás, a disposição sexual de Bandeira. Num longo depoimento de seu livro **Teoria e celebrações** (1976), Lêdo Ivo nos revela a discreta, mas ativa vida sexual de Bandeira – o que certamente contribui para o erotismo poético que aqui nos propomos apresentar, e inclusive, sua tara em manter intercursos sexuais com uma negra:

Não foi apenas uma experiência literária acumulada em anos de solidão que trouxe Manuel Bandeira, quando a mudança do gosto poético o revelou a um país do qual ele era um dos seus poetas, ao cantar a infância na Rua do Sabão, a Lapa. Foi (e eu diria até principalmente) a sua experiência amorosa, o seu sofrimento e alegria de homem, a visão erótico/sentimental que o acompanhou até os dias finais. Um dia quando, oficialmente nomeado um dos seus confidentes e até porta-vozes literários (ele me autorizou a dar entrevistas, em seu nome, sem ouvi-lo previamente), pedi-lhe uma informação segura sobre sua vida íntima, recebi uma negativa. A batalha que homem e mulher travam entre quatro paredes era a seu ver tão íntima que não poderia ser confidenciada, nem mesmo como um sussurro inaudível, ao ouvido do melhor amigo. Só ele, o poeta, tinha o direito de evocar “Os teus seios miraculosos,/ Que amamentaram sem perder/ O precário frescor da pubescência,/ Teus seios que são como os seios intactos das virgens”. Entretanto, apesar do pudor e reserva do poeta, quantas lembranças me ocorrem sobre a sua vida sentimental! **Ele sempre se vangloriava, menos com as palavras do que com uma certa maneira de sorrir e silenciar, de possuir uma saúde sexual que muito jovem haveria de invejar.** O *tísico profissional* acumulara, como uma formiguinha sábia e afortunada, o combustível que alimentava os seus dias provectos. Recordo-me de uma visita ao seu apartamento no Castelo, de onde ele via o aeroporto dar-lhe uma lição de partida. Um buquê de rosas vermelhas se despetalava junto ao seu retrato por Cândido Portinari. O rumor de vida civil, que o poeta estimava, subia até nós e regia a conversa, sobre os poetas que não sabiam rimar e metrificar. Fiel a Camões e aos grandes líricos peninsulares, conhecedor profundo de toda a retórica tradicional, Bandeira considerava aleijados do ouvido os poetas incapazes de produzir uma peça rimada e metrificada; e dava boas gargalhadas quando, abrindo um suplemento literário, via os “sonetos” de augusto Frederico Schmidt: um verso de nove, outro de onze, outro de dez, outro de catorze sílabas. E as tônicas, onde estavam as tônicas?... De repente, um toque de campainha. O poeta se levanta, abre a porta do apartamento e protege com o corpo, um vulto de mulher madura que, escondendo as suas graças outoniças, se encaminha diretamente para o seu quarto. Quando ele volta, já estou de pé, para a despedida. Então, com o seu riso dentuço, Bandeira comenta: “Minha tarde está minada”. Está-me lembrando que um entardecer Manuel Bandeira no centro da cidade, à espera de um táxi. Deixo-o numa rua de Botafogo. E o poeta, quase octogenário, diz-me à guisa da despedida: “vou-me à grande aventura”. Mas, destas, a mais ambiciosa não se realizou. **Manuel Bandeira não queria morrer sem ter possuído uma negra. Apesar de sua comsabida discrição em matérias amorosas e carnavais, mais de uma vez ele se queixou a mim de que, desde sua juventude de tísico, seu comércio sexual era com as “brancarronas azedas”.** Não se deitava com as negras, cujos corpos enchiam a sua imaginação lírica, fiel á primeira nobreza da língua em que Camões cantou “a pretidão do amor”. Tendo transmitido esse desejo supremo a um amigo empresário, este se comprometeu a torná-lo realidade, com uma frase solene: A Casa se encarrega de tudo”. Um frequentador da empresa, com alguns conhecidos da noite carioca, ofereceu os préstimos e terminou parlamentando com uma vedete negra. Esta pediu um preço respeitável,

alegando os riscos da empreitada, pois o poeta já frisava pelos oitenta anos. Chamado para fechar a transação, o irmão do empresário, e seu gerente, decidiu que o compromisso não abrangia a despesa – por ele considerada exorbitante, verdadeiro assalto àquele ardor de pôr-do-sol do grande poeta – inclusive porque Bandeira estava auferindo, então, gordos direitos autorais. A firma, ajuntou, considerava encerrada a sua espinhosa missão ao conseguir-lhe a negra suspirada. Estavam as coisas nesse pé quando o desapontamento de Bandeira atinge o clímax. Aos ouvidos de seu médico, chegaram os rumores dessa derradeira aspiração carnal do poeta. E ele a vetou implacavelmente, sob a alegação, aliás justa, de que a idade avançada de Manuel Bandeira não autorizava cometimento amoroso tão ousado.

(IVO, 1976, p. 88-89 – **grifos nossos**)

Se o sonho do poeta se realizou não sabemos; só podemos auferir que, na poesia, todo seu derramamento erótico foi responsável, como vimos, por poemas belos, bem construídos e ousados – mesmo para a prática dita libertária e impudica pregada pelos modernistas da primeira geração.

REFERÊNCIAS:

BACIU, Stefan. *Manuel Bandeira de Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 34.^a edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993

CERVINSKIS, André. **Manuel Bandeira, poeta até o fim**. 2.^a edição, Olinda: Livro Rápido, 2006.

IVO, Lêdo. **Poesia observada**. Ensaios sobre a Criação Poética e Matérias Afins. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

_____. **Teoria e Celebração**. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1976.

_____. **A República da Desilusão**. Ensaios. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MENDONÇA, Wilma Martins. O Bandeira de André Cervinskis. In: CERVINSKIS, André. **Manuel Bandeira, poeta até o fim**. 2.^a edição, Olinda: Livro Rápido, 2006.

Santa Maria Egípcíaca, uma prostituta que se converteu. Disponível em: http://pt.almas.com.mx/almaspt/artman2/publish/Santa_Maria_Egipc_aca_Uma_prostituta_que_se_converteu.php. Acesso em 10/02/09.